

PORFÍRIO CARVALHO  
Indigenista, coordenador do  
Programa Waimiri-Atroari

**Quando eu falo sobre os Waimiri-Atroari, me sinto a pessoa mais feliz do mundo, porque os vejo sabendo viver com os não-índios e ao mesmo tempo, lá na mata, mantendo suas danças, fazendo os marubás, sem a interferência de ninguém.**

Eu pertencço a uma geração de jovens, vítima da ditadura, que optou por ir para a Amazônia. Outros assumiram posições políticas, foram para a luta armada. Eu e outros decidimos que nossas vidas poderiam ser sacrificadas em defesa dos índios e conhecemos pessoas maravilhosas com ideais, com sonhos, como Chico Meireles, Darcy Ribeiro e outros que nos inspiraram. Fizemos pequenos cursos sobre noções em antropologia e indigenismo e ingressamos na Funai – que era o único caminho, na época, para lidar com índios. Para nós era um sonho poder defender os índios e era uma forma de combater a ditadura. Na Amazônia ainda não existiam estados, nem grandes projetos, nem o desmatamento que existe hoje. Era a coisa mais linda que podia existir. Fomos para lá para tentar fazer a defesa dos índios, de seu território e de suas vidas.

Junto com outros companheiros, como Gilberto Pinto, me dediquei a promover um contato pacífico com os índios Waimiri-Atroari que eram tidos como índios muito violentos, que desafiavam todos os conhecimentos e processos de contato pacífico. Os Waimiri-Atroari não sabiam quem éramos, qual era o nosso papel na história e meus colegas, jovens como eu na época, tombaram sem vida pelas flechas deles. Nós tínhamos um pacto, por mais que tombássemos, continuaríamos até o último homem, com o compromisso de contar essa história e tentar salvar esses índios. Eu sou o último do grupo. Não consegui fazer isso dentro da Funai porque na época da construção da BR-174 o Exército tomou conta da área, expulsou a Funai, prendeu gente – inclusive eu, que fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Era muito difícil demarcar uma Terra Indígena naquela época, e a Waimiri-Atroari era muito mais, principalmente pelo fato deles terem atacado uma missão religiosa e matado o Padre Calleri. Isso criou em Roraima, principalmente, e em Manaus, uma mística contra esse grupo e ajudou a

criar um estereótipo negativo. Quem ficava ao lado deles era discriminado e acusado. O Exército nos acusava de ter uma célula guerrilheira dentro da área Waimiri-Atroari e nos caçou dentro da mata por diversas vezes, jogando folhetos na mata para que nós nos “rendêssemos”.

Enfim, a BR-174 foi construída pelo Exército. Começou no final de 1967 e, em 1969, o Exército assumiu

a construção e, daí em diante, eles passaram a atacar os índios como inimigos. Eu fiz um levantamento da população naquela época, e contei 15 aldeias dos Waimiri-Atroari e cerca de 1.500 índios. Em 1974, quando a estrada passou definitivamente pela terra, nós fomos afastados da área e quando retornei a convite dos Waimiri-Atroari, em 1986, eles eram 374 índios em cinco aldeias! O povo Waimiri-Atroari simplesmente sumiu!

Quando nos reencontramos, juntamente com outros colegas nós fizemos a proposta do Programa Waimiri-Atroari, com um horizonte de 25 anos para que se conseguisse atingir os seus objetivos. Nossa linha filosófica foi baseada no respeito aos povos indígenas, à sua liberdade, à sua forma de ser, buscando o resgate da independência que existia antes do contato conosco. Nós tivemos que encarar várias ações na área da saúde, educação, defesa da terra, demarcação do território, entre outras. A terra tinha sido invadida por uma empresa de mineração chamada Paranapanema. Inclusive Figueiredo, presidente da República na época, extinguiu a reserva indígena Waimiri-Atroari. Ela existia desde 1971 e foi extinta em 1980, para que Paranapanema se instalasse dentro dela. Nós entramos na justiça contra o ato do presidente e até hoje esse processo se arrasta no Supremo Tribunal. Apesar disso, nós conseguimos demarcar, em 1987, a Terra Indígena com 2.585.611,96 hectares. Após a demarcação, já recuperamos outros trechos da terra dos Waimiri-Atroari, comprando ou garantindo a integridade de áreas, como fazemos na Reserva Biológica (Rebio) do Uatumã – que era antiga terra dos Waimiri-Atroari e passou a ser fiscalizada e acompanhada por eles, através da Associação Comunidade Waimiri-Atroari (ACWA).

Nós somos parceiros, dividimos as vidas, as alegrias e tristezas. Poucas são as pessoas que podem conviver com os Waimiri-Atroari e eu, em nome daqueles que tombaram, tive essa oportunidade. Um deles tombou nos meus braços, e mesmo na hora da morte, com a flecha no peito, me pediu: “continua, Carvalho, continua!”. Eu continuei e vou continuar, porque nós conseguimos obter resultados extremamente positivos nesses 19 anos. Hoje é uma terra sem nenhum invasor, com 19 aldeias e uma população total de 1.206 pessoas. Não são apenas números, as pessoas vivem muito bem! Hoje os Waimiri-Atroari são alfabetizados na



Indigenista desde 1967, pela Funai, onde ajudou nas ações de contato com os índios Cinta Larga (RO) e Waimiri-Atroari (AM e RR). Participou de vários trabalhos de demarcação de TIs e fundou a Funai no Acre. Ajudou a criar os Programas Waimiri-Atroari, Parakanã (PA) e São Marcos (RR) - todos resultantes de acordos de mitigação de impactos causados pela implantação de obras de infra-estrutura nos territórios indígenas. Atualmente é coordenador técnico dos Programas Waimiri-Atroari e Parakanã.

própria língua e aprendem o português como segunda língua. A grade curricular também é construída por eles. A escola Waimiri-Atroari não é reconhecida pelos Governos do Amazonas e de Roraima, mas eles nem querem isso. Eles entendem que a escola, a saúde e a vida lhes pertencem e eles têm que decidir por si. Não querem saber se o Ministério da Educação acha isso bom ou se a Funasa tem uma política de saúde. As decisões sobre a saúde, educação, a forma de usar a terra e sonhar a vida são dos Waimiri-Atroari e nós tivemos a oportunidade de participar desse processo de recuperação de toda essa dignidade, essa força e esse orgulho de ser Waimiri-Atroari. Eu sou uma testemunha privilegiada, assisto esse povo crescer com alegria e força. No entanto, mesmo com esses avanços todos, eles continuam sendo ameaçados pela cabeça doente de alguns governantes, que insistem em desconhecer o que está acontecendo lá.

Quando eu falo sobre os Waimiri-Atroari, desse trabalho, me sinto a pessoa mais feliz do mundo, porque os vejo sabendo viver com os não-índios e, ao mesmo tempo, lá na mata, mantendo suas danças, fazendo os marubás, sem a interferência de ninguém. Logicamente algumas partes desse território tiveram problemas, como no caso da Paranapama, da BR-174 e da Hidrelétrica de Balbina, que inundou 30.000 ha das terras deles. Mas mesmo no caso de Balbina, a Eletronorte aceitou a nossa proposta de compensação e foi a primeira empresa do setor elétrico que fez alguma coisa sem ser obrigada. Essas conquistas são dos Waimiri-Atroari e contaram com a ajuda de uma equipe maravilhosa de companheiros que trabalham comigo. Eu fui apenas um animador, um sonhador teimoso que carregou a utopia do jovem de 20 anos que foi para a Amazônia.

MARIO PARWE  
líder Waimiri-Atroari

O primeiro contato com os Waimiri-Atroari, com meu pai, com meu bisavô, não foi bom para nós. A situação ficou muito pesada e os Waimiri-Atroari sofreram muito mesmo.



Um dos principais líderes da etnia Waimiri Atroari e destacado agente no processo de negociação de paz após as agressões sofridas por seu povo quando da construção da BR-174, que atravessa suas terras. Conseguiu unir os dois grupos Waimiri Atroari em nome da sobrevivência e é o principal interlocutor com a sociedade brasileira, destacando-se como um defensor da sua cultura e do seu povo. É o líder da Aldeia Xeri, situada na bacia do rio Alalau, nas proximidades da rodovia BR-174.

**Nós nunca perdemos a cultura, a música, a tradição e a terra. A gente sempre lutou pelos nossos direitos. Como o Davi Yanomami falou “nós que somos natureza de terra”.**

Eu tinha 10 anos quando comecei a conhecer o homem branco. Hoje eu estou com 50 anos. A Funai chegou na nossa área junto com os primeiros brancos. Naquela época, a gente não entendia quem é inimigo e quem é a favor do indígena. A gente, meu pai, meu bisavô, não entendia. Aí nós começamos a escutar as palavras em português e, conforme fomos nos aproximando do homem branco, começamos a separar quem é a favor do índio e a conhecer a Funai. Nós aprendemos o nome Funai, que ficou sempre em contato, e conhecemos o outro lado dos brancos também. Os brancos que foram chegando pelos rios Camanaú, Jauaperi, Abonari invadiam, atacavam e matavam os índios. Isso diminuiu nossa população! Eu fico muito triste com isso, muito mesmo.

Hoje nós estamos aqui, estou aqui vivo. Eu sou filho do cacique e meu pai morreu no rio Jauaperi, em 1960, na guerra com os brancos. Em seguida, no final dos anos 60, começou a construção da BR-174 (de Manaus a Boa Vista). Isso foi muito forte para nós, porque gerou mais mortes em nossa população. Foi na época da BR que a gente chegou a ter só 374 pessoas, uma população muito pequena. Com isso a gente se afastou, só para passar a BR, porque não tinha condição de ficar. Morreu uma aldeia toda com 24 indígenas e a gente não tinha mais condição de enfrentar o Exército brasileiro.

Nós sofremos tudo isso, e então chamamos a Funai para saber quem estava atacando índio. Foi nesse dia que a gente conseguiu contato com um homem bom. Porque vem tudo misturado, o Exército, a Funai, o Incra, e a gente não sabe mais quem são os invasores, a gente ficava doído, não tinha como separar qual era a favor. Depois que passou BR conhecemos quem era amigo. Podíamos conversar sempre com aquela pessoa. Tem um sobrevivente que está trabalhando comigo há muito tempo chamado Porfirio Carvalho. Quando a BR passou ele tinha saído da Funai, mesmo assim nós conseguimos saber onde ele estava, fomos em Brasília e falei com Funai para saber onde ele morava. A gente achou ele, conversamos, e ele disse que topava ajudar. Então eu voltei para aldeia, a gente se reuniu e eu levei a notícia para nossa população Waimiri-Atroari. Está aí o nosso resultado agora, Waimiri-Atroari está hoje com 1.206 pessoas!

Nós nunca perdemos a cultura, a música, a tradição e a terra. A gente sempre lutou pelos nossos direitos, de quem está lá dentro. Como o Davi Yanomami falou “nós que somos natureza de terra”.